

Apresentação

Para pensar a pós-modernidade é necessário situar a problemática do fim da modernidade ou da crise dos paradigmas. A modernidade já passou por muitas mortes. No decorrer do rápido século XX muitos pensadores³, de diferentes matizes ideológicos, proclamaram o fim da modernidade e dos ideais do iluminismo: universalismo, concepções ocidentais de racionalidade, idéias de igualdade e de emancipação humana. A ambivalência em relação ao iluminismo e o pessimismo relativo ao progresso foi um tema comum na cultura do século XX. Esses pensadores falam em “pós-modernidade” como uma fase do capitalismo contemporâneo – são diagnósticos de declínio de épocas - uma situação histórica, sujeita à mudança e à ação política.

Não obstante, ao final dos anos 60, a crítica da modernidade ressurgiu com o início da ampla crise que sucedeu a grande prosperidade econômica, resultante do chamado “circulo virtuoso” do fordismo central (a contínua adaptação do consumo de massa aos ganhos de produtividade). A partir de 1973 o mundo capitalista imergiu em longa recessão, combinando baixas taxas de crescimento com altas taxas de inflação. A crise global representou a crise do Estado de Bem Estar Social e, também, um crescente questionamento dos Estados nacionais e do próprio trabalho como categoria central para a análise da sociedade.

Na origem desse pós-modernismo está a grande derrota política que sucedeu o período das “revoluções” dos anos 60. Há, entretanto, outras fontes: o chamado pós-industrialismo, a emergência de novas forças políticas, o recrudescimento da vanguarda cultural, a mercadorização acelerada e crescente das mais diversas dimensões da vida, inclusive da cultura, entre outras.

Como afirma Wood (1999),

* Este artigo está publicado no livro “Pós-Modernidade e Conhecimento – educação, sociedade ambiente e comportamento humano” organizado por LAMPERT, E. Editora Sulina. 2005.

² Doutora em Sociologia. Professora do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Editora da Revista Sociologias – PPGS – UFRGS. Integrante do Conselho Fundador do Laboratório Interdisciplinar sobre Informação e Conhecimento (Liinc) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - <http://acd.ufrj.br/~liinc/>. Livros organizados: *A Era do Conhecimento: Matrix ou Ágora?* (2001), Ed. UNB e Ed. da UFRGS; *Crise Social e Multiculturalismo* com Tavares dos Santos, J.V; Barreira. (2003); Ed. Hucitec; *Conhecimentos e Redes: sociedade, política e inovação* (2005); Ed. da UFRGS. Contato: mayrab@terra.com.br

³ C. Wright Mills, 1972; M. Foulcault, 1970; Lyotard, 1984; Jameson, 1983. Derrida, 1984, entre outros.

Ambos os lados da ambígua história do século XX – tanto seus horrores como suas maravilhas – sem dúvida contribuíram na formação da consciência pós-modernista. Os horrores que soloparam a antiga idéia de progresso, porém, são menos importantes na definição da natureza característica do pós-modernismo corrente que as maravilhas da tecnologia moderna e as riquezas do capitalismo consumista (p. 16).

Alguns processos podem ser apontados como elementos que favoreceram a emergência da idéia de pós-modernidade e das perspectivas chamadas pós-modernas em diferentes campos. Entre eles podem-se elencar os seguintes:

O fim da bipolaridade do mundo:

O fim das ilusões socialistas em curto prazo, com a queda do Muro de Berlim e o implosão da URSS como *locus* do socialismo real, rompeu uma importante motivação que vinha alimentando a discussão teórica. Esse estilhaçamento das imagens de um outro mundo conduziu a uma certa pobreza intelectual no debate internacional e à falta de novas propostas como contraponto à estratégia do neoliberalismo e à globalização.

O esvaziamento do debate ideológico e a descrença com relação a utopias alternativas aos processos de mundialização/globalização levaram à apatia política e se traduziram em sensação de impotência face ao processo histórico.

Enquanto o período moderno caracterizou-se pelo rompimento com a idéia de providência e pelo otimismo dos homens vistos como sujeitos históricos: "o homem faz a história" ou "os grupos organizados fazem a história", o fim das utopias deu origem a um pensamento praticamente único: o poder da ideologia neoliberal e a irreversibilidade da globalização econômica.

Alguns sintomas são: a automática classificação dos opositores aos processos de globalização e ao neoliberalismo como atores incompetentes, de má fé, tanto nos países centrais (EUA, países da Europa) quanto em países periféricos ou semiperiféricos.

No âmbito da produção científica sobre a sociedade, o pensamento único expressou-se em um crescente vazio do debate nas ciências sociais e do debate político, em um enfraquecimento progressivo das ciências sociais e das humanidades frente a ciências que produzem resultados a serem apropriados pelo mercado, transformados em patentes e em lucro.

O fim das utopias e o pensamento único são produtos das estratégias para contornar a crise global do capitalismo, estratégias essas, que reordenaram o mundo de acordo com os interesses e necessidades da acumulação capitalista.

A nova ordem mundial e a tecnociência

As últimas décadas do século XX caracterizaram-se por mudanças significativas nas formas de produção e acumulação capitalista. A profunda crise do modelo de acumulação capitalista, até então vigente, levou a um re-ordenamento das formas de organização do capital. A resposta à crise de acumulação dos anos 1970 baseou-se em duas estratégias: a) a expansão do sistema; e b) a produção de bens de tipo radicalmente novo (Jameson, 1999).

A primeira estratégia diz respeito à chamada globalização¹ (Chesnais, 1996; Scherer, 2002), que pode ser traduzida por financeirização acelerada e crescente da economia mundial. A globalização opera de forma desigual para os diferentes atores: o capital move-se livremente em busca de espaços de valorização², pressionando pela abertura dos mercados nacionais e pela desregulamentação do trabalho. Os trabalhadores, entretanto, são limitados às fronteiras nacionais. A expansão das esferas financeira e técnico-produtiva se faz acompanhar pela aceleração dos processos de deslocalização e segmentação econômica e social (Vilas, 1999; Castells, 2000). Paralelamente ao movimento de mundialização financeira, de extensão do *locus* da produção e da abertura de novos mercados, pode-se identificar uma tendência à concentração dos centros de planejamento e de decisão nos países centrais, configurando-se uma desigual difusão mundial de inovações técnicas, organizacionais e institucionais (Lastres & Ferraz, 1999).

A segunda estratégia de resposta à crise: a produção de tipos radicalmente novos de bens, apóia-se no recurso a inovações e em “revoluções” na tecnologia. Uma intensidade maior no uso de informação e de conhecimento nos processos de produção, de comercialização e de consumo de bens e serviços, assim como, na cooperação e competição entre agentes, e na circulação e valorização do capital, leva a novas práticas nesses processos. As tecnologias de informação e de comunicação apresentam-se, portanto, como elementos centrais na nova dinâmica técnico-econômica (Castells, 2000; Jameson, 1999).

Novos saberes e competências, aparatos e instrumentos tecnológicos, produzem tipos novos de bens³, viabilizando a abertura de espaços de atuação e mercados, encolhendo o globo⁴ e reorganizando o capitalismo em uma escala diferente e ampliada (Jameson, 1999; Lastres & Albagli, 1999).

Ciência e tecnologia que, em estreita vinculação, já desempenhavam papel estratégico como força produtiva, dão lugar à tecnociência que é, conforme Echeverría (2003), um sistema de ações eficientes, baseadas em conhecimento científico. Essas ações se orientam tanto para a natureza quanto para a sociedade, visando transformar o mundo, para além de descrever, prever, explicar, compreender. A tecnociência implica a empresarialização da atividade científica e, sendo um fator relevante de inovação e de desenvolvimento econômico, passa a ser também um poder dominante na sociedade, tendendo, sua prática, ao segredo e à privatização.

¹ Alguns autores (Chesnais, 1995; Wallerstein, 2001) optam, a partir de uma perspectiva histórica, por trabalhar com a idéia de mundialização. Wallerstein trabalha com a noção de economia capitalista mundial (sistema mundial moderno) e Chesnais com a idéia de mundialização do capital, pois para ele o conteúdo efetivo da globalização é dado pela mundialização das operações do capital em suas formas industriais e financeiras.

² O que é possibilitado por novas tecnologias de informação e comunicação. Parte crescente das atividades do setor financeiro não mais envolvem trocas físicas, mas sim informações traduzidas e transmitidas em tempo real no mundo inteiro (Lastres & Ferraz, 1999).

³ Novos materiais, transgênicos, nanoinstrumentos, info-vias, robôs, entre outros.

⁴ Através das modernas tecnologias de informação e comunicação, que *anulam o espaço através do tempo* (Harvey, 1993). Para Santos (1994) a informação passa a ser o verdadeiro instrumento de união entre as distintas partes de um território, gerando implicações políticas de variadas ordens. Cria-se, assim, o que Castells (2000) denomina de *o espaço dos fluxos*, que tende a sobrepor-se ao *espaço dos lugares*.

Objeto de apropriação privada¹, a técnica incorpora a ciência, convertendo-se em tecnociência² que se transmuta em mercadoria de alto valor, progressivamente inserida no cotidiano das sociedades, em sua estrutura de poder e em suas matrizes simbólicas e culturais (Albagli, 1999) e insere-se em novas formas de produção e acumulação configurando a

chamada sociedade do conhecimento³.

Uma outra forma de relação entre economia, Estado e sociedade emerge das estratégias de resposta à crise sintetizadas na financeirização da economia, no fortalecimento dos mercados, frente aos Estados e na utilização intensiva de conhecimento e informação. Nesse novo contexto, alteram-se radicalmente as condições de existência de parcelas significativas de populações tanto nos centros capitalistas do Norte, quanto nos países periféricos do Sul⁴.

A ampliação e generalização do sistema desigual de trocas⁵ e as novas estratégias de maximização dos lucros geram, ao mesmo tempo e de forma complementar, riqueza ímbar e maior exclusão econômica e social. A pobreza se dissemina na América do Sul, Ásia e África e surgem inúmeros bolsões de excluídos (migrantes, desempregados) nos países do Norte (Therborn, 2001). Novos conflitos sociais emergem da desigualdade crescente, o capital expande-se e ultrapassa limites legais e morais buscando o lucro rápido e certo da indústria da guerra e das atividades ilícitas: narcotráfico e crime organizado, por exemplo (Roio, 1999; Procópio, 2001).

Pode-se afirmar que nos deparamos, atualmente, com uma disseminação planetária do processo racional de “perseguição de lucro máximo” que integra a civilização capitalista (Carvalho, 2000). A racionalidade instrumental, característica do capitalismo, traz em si duas tendências: a) a do descasamento entre sociedade, política e economia, no qual a economia de mercado é um sistema auto-regulado, não intrínseco à sociedade, escapando aos controles sociais, morais e políticos (Moraes, 1997; Bensaïd, 1999); e b) a quantificação crescente, ou seja, o predomínio do espírito de cálculo racional, com a monetarização das relações sociais (Löwy, 2000).

¹ Albagli (1999) aponta a existência de uma simbiose entre ciência, tecnologia e poder (econômico e político), a partir da qual o progresso científico-tecnológico é incorporado ao domínio da esfera pública e em que os novos conhecimentos científicos e tecnológicos passam a ser objetos de crescente privatização pelos agentes econômicos. As questões referentes à propriedade intelectual, patentes, apropriação por empresas transnacionais de plantas e micro organismos, têm sido objeto de acirrado debate. Para esse assunto ver ainda: Leite, 2000; Santos, 2000; Carvalho, 2000.

² Para o debate sobre tecnociência ver: Araújo (1998); Santos (1998).

³ Há uma certa controvérsia quanto, a ser ou não adequado, o termo sociedade do conhecimento para definir a sociedade atual pois, segundo alguns autores, o que surge como sua característica mais destacada é, antes, a informação e seus diferentes fluxos do que conhecimento. Para diversas posições sobre o assunto ver: Castells, 2000, vol. I; Lastres e Albagli, 1999; Baumgarten, 2001.

⁴ Tomando-se, por exemplo, a América Latina, na década de oitenta, o Produto Interno Bruto aumentou 13%, enquanto a taxa de desemprego urbano subiu para algo em torno de 30% (Beinstein, 2001).

⁵ De acordo com Passet “...os capitais circulam mais fácil e rapidamente que as mercadorias” o que impede que os Estados-Nações possam controlar a massa de mercadorias (1998, p. 65).

No mundo contemporâneo, através da tecnociência, o capital penetra os corpos vivos¹ em busca de novos espaços de exploração: transgênicos, técnicas de clonagem, produção de órgãos, máquinas inteligentes – pesquisas e criações que concretizam assustadoras possibilidades mostradas na literatura ficcional².

Ao lado das realidades/possibilidades sombrias do conhecimento atual há, não obstante, extraordinários avanços no sentido da solução de carências humanas em áreas vitais, como a produção de alimentos, a medicina e a comunicação, entre outros. Poderosos instrumentos de elevação da qualidade de vida são criados, mas o acesso a esses bens é restrito, em decorrência de seu caráter de mercadoria, que os torna acessíveis apenas à parcela da população mundial que dispõe dos recursos necessários para comprá-los.

As novas tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs)

A revolução científico-tecnológica transformou a cultura e permeou toda a vida, afetando a produção de teorias sociológicas. O objeto de análise transmuta-se da sociedade como tal para informações codificadas através da televisão e da mídia, em geral.

As principais fontes de informação (dada a complexidade crescente da sociedade) passam a ser os bancos de dados que dispõem de um tipo específico de informação - já direcionada e fragmentada. Diferente da argumentação que vai sendo construída a partir de uma realidade que nós mesmos observamos, a argumentação atual baseia-se em dados produzidos a partir de outras intencionalidades. Por outro lado, cada pessoa escolhe sua forma, meios de analisar a informação, de escolher informações nos bancos de dados.

Entre as dificuldades de trabalhar com esse tipo de informação está o problema da comparabilidade. Informações coletadas desde diferentes metodologias geram dados que não podem ser comparados entre si como, por exemplo, os dados sobre saúde da OCDE (para o primeiro mundo) e os dados da OMS (para países da América Latina).

A informática, por outro lado, "democratiza" informações com dados previamente selecionados e que impedem ou dificultam o raciocínio. Quanto mais informação é passada, menos conhecimento se tem. Em nível cotidiano, a ultra-informação passada pelos meios de comunicação dificulta a formação de contextos compreensivos.

Por outro lado as novas tecnologias de informação e comunicação facilitam e agilizam o movimento mundial

¹ Vandana Shiva (1997) referindo-se ao patenteamento de células e gens, realizado pelos cientistas afirma que "*Terras e florestas, rios e oceanos, a atmosfera, como um todo, foram colonizados, erodidos, poluídos. O capital agora tem que se lançar para novas colônias, para invadi-las e explorá-las, a fim de garantir sua acumulação futura. Essas novas colônias são os espaços interiores dos corpos das mulheres [e também dos homens], plantas e animais*" (Shiva, 1997, p. 13) Ver também: Pondé (2000).

² Na literatura de ficção científica, assim como no cinema, há inúmeros exemplos de antecipações em torno dos temas aqui tratados, dentre eles pode-se citar: *O admirável mundo novo* de Aldous Huxley (1974), *1984* de George Orwell (1973); e, mais recentemente, os filmes *Blade Runner*, de Ridley Scott (1981), *Matrix*, dos Wachowski Brothers (1999); e *Gattaca*, a experiência genética, de Andrew Niccol (1997).

de capitais, que circulam mais rápida e facilmente que as mercadorias (Passet, 1998). O mercado unificado de capitais funciona em tempo real e a tomada de decisões é instantânea. A crescente dificuldade dos Estados, em controlar a massa de mercadorias e os capitais especulativos, traduz-se em conflito de base entre o planejamento nacional dos países e o planejamento internacional efetuado pelas empresas com interesses transnacionais (Carvalho, 2000).

Ao mesmo tempo, o exponencial aumento na intensidade das interações entre as coletividades científicas internacionais, facilitado pelas novas tecnologias eletrônicas e de comunicação, tem levado à formação de redes em torno das atividades de C&T. Tais redes ultrapassam os contextos institucionais de origem (universidades, institutos de pesquisa, empresas, governos) obtendo crescente autonomia (Castells, 2000).

Todas essas questões e muitas outras têm levado as ciências sociais e, especificamente a Sociologia e pensar o mundo em termos de era de informação. O próprio conceito de informação foi transformado em chave de entendimento hermenêutico do processo histórico contemporâneo (Rüdiger, 2004).

As análises de Manuel Castells (2002) e Scott Lash (2002) sobre as tecnologias de informação e as redes telemáticas derivam das teorias pós-modernas sobre o surgimento do capitalismo de organização ou sociedade pós-industrial, a formação do estado tecnocrático e a crise das ideologias políticas (Mattelart, 2001; Rüdiger, 2004).

Globalização da cultura, universalização do consumo e a busca do bem-estar (felicidade) individual

A veloz extensão da televisão e também da *internet* tem facilitado a globalização da cultura, uniformizando-a. Ao mesmo tempo em que se tem acesso às informações mais insólitas e distantes, observa-se a uniformização cada vez mais clara da cultura - como forma de acesso à cultura hegemônica, possibilidade de pertencimento a uma cultura mais desenvolvida. Tal fato articula-se também ao processo de produção teórica.

Assiste-se à transição de uma identidade vinculada a um território-nação para identidade globalizada, na qual a forma de alguém estar no mundo não tem nada a ver com seu país. Um exemplo é a religião da Nova Era - enquanto uma religião reunificada, sem fronteiras, planetária. Não há necessidade de sede, pois tudo é virtual e as comunicações se fazem via *internet*.

A mundialização do varejo, leva a restrições nas opções de cores, padrões, gostos, definidas pelas grandes cadeias de varejo e tem resultado em mundialização crescente de produtos e gostos.

O agudizamento da tendência de individualização da modernidade conduz a um "processo de personalização", em que o indivíduo passa a ser depositário cada vez mais absoluto do poder/responsabilidade por sua vida, seu êxito. Na modernidade o indivíduo é autonomizado das redes comunitárias. No processo de constituição do Estado moderno o indivíduo é visto sob três ângulos: como trabalhador, como eleitor, como pensador (produtor de conhecimentos), em um processo de autonomização e personalização crescentes, processo, esse, acompanhado da perda paulatina do sentido de pertencimento e de compromisso coletivo.

O indivíduo passa a não ter preocupação alguma com a solidariedade, entrando em um processo de descompromisso com o outro, na mesma medida que cresce seu impulso individual para a busca de prazer e satisfação de desejos egoísticos. É esse indivíduo sem laços (pois mesmo os laços familiares se atenuam fortemente) que é atraído pela religião. A *New age* - religião moderna é o disciplinamento da subjetividade dentro de parâmetros necessários para que a sociedade funcione. Em uma realidade pós-moderna, a família - antiga *célula mater* da

modernidade enquanto fonte privilegiada de transmissão de valores como trabalho, disciplina, honestidade - debilita-se. Não é mais tão necessária ou importante a idéia de trabalho, ou de disciplina, pois o investimento atual é no consumidor e não no trabalhador. A idéia do trabalho como centro da sociedade debilita-se, sendo substituída pelo consumo - de tudo: mercadorias, viagens, aventuras, drogas, pessoas...

A dificuldade atual em identificar o sujeito da sociedade está vinculada à crescente debilitação do papel dos trabalhadores - substituídos pela tecnologia, do papel do Estado - atravessado por informações tão diversas e atropelado pelo mercado e do papel dos sindicatos - que não têm com quem negociar.

Vinculada a essa problemática, parte significativa das interpretações sobre a sociedade atual aponta a necessidade de a Sociologia repensar seu objeto. Enquanto os clássicos dispunham de um objeto concreto: a Inglaterra, a Alemanha, a França de um determinado período - um Estado-nacional, onde analisar as classes e/ou os processos sociais, a internacionalização crescente coloca dificuldades múltiplas: como pensar os objetos que hoje estão expostos a forças tão diversas e externas? O que é uma classe social dentro de uma sociedade transnacional?

Pode-se pensar que frente às situações descritas a Sociologia deve reavaliar como interpretar essas modificações de seu objeto, considerando que estamos ainda sob a sociedade capitalista, mesmo que esta apresente situações muito contrastantes tais como:

- a reinstitucionalização da vida social (via Comunidade Européia, por exemplo);
- a invisibilidade do patronato dificultando a negociação social;
- a condição de sociedade transnacional em que se vive hoje;
- as interações mediadas pela tecnologia;
- modificações nas formas do trabalho – imaterialidade;
- hibridizações e artificialidades que alteram as capacidades humanas em escalas antes impensáveis;
- novas relações homem-natureza.

Há também que considerar que, se o poder disciplinador dos Estados nacionais fica cada vez mais diminuído, pouco podendo fazer com relação às decisões do mercado, esse debilitamento é dos Estados frágeis e não dos fortes. Japão e EUA continuam defendendo seus interesses, suas empresas multinacionais. Na Europa, não havendo nenhum Estado com essa potência, unem-se diversos estados para proteger seus mercados e suas empresas. Dreifuss (1997) usa a expressão *rearquitectura do poder internacional* para designar essas mudanças.

Pode-se afirmar que *regionalização e globalização* fazem parte de um mesmo processo. A regionalização - enquanto resposta (defesa) ao processo de globalização é o contraponto desta - cobre todo o mundo, mas não da mesma maneira. As exclusões ocorrem a partir de opções do mercado.

As respostas ao processo de globalização são diferenciadas de acordo com as próprias forças em jogo: o *Nafta*, por exemplo, não é um mercado comum e sim uma zona de livre comércio que, defensivamente, bloqueia a Europa e Ásia, buscando obter uma reserva de mercado. Por outro lado, a União Européia é a resposta da Europa à hegemonia norte americana.

Um dos grandes problemas que surge no novo contexto refere-se às questões sociais que são atribuição dos Estados-Nação. A União Européia enfrenta grandes dificuldades para construir uma carta social, dada a existência de situações sociais muito díspares em seu espaço comum. Há, ainda, muitas dificuldades envolvendo a construção dessa e de outras instâncias transnacionais.

O Pensamento da Pós-modernidade

O pensamento pós-moderno é uma tentativa de entender a confusão causada pelo aguçamento das mudanças.

Os pensadores anteriores são paradigmas de uma época em que o mundo estava centrado em um Estado nacional e na idéia de progresso (ir em direção a, avançar). Entretanto, a sociedade atual é vista como não tendo um rumo, não há progresso (Lyotard, 1984).

Os diferentes autores que vêm trabalhando com a modernidade – Giddens (1997, 1991), Habermas (1990),

Tourraine (1984) - buscam instrumentos para entender uma realidade que mudou, encontrando-se suas teorias articuladas a essas mudanças.

Dreifuss (1997) destaca três dimensões, buscando explicar os novos rumos da sociedade: 1) mundialização societária; 2) globalização técnico-produtiva; e 3) planetarização político-estratégica.

1) mundialização societária:

O autor destaca que categorias como conflito, solidariedade e amizade são redefinidas. O uso de redes virtuais (*ciberespaço*) traz à cena um novo ator social - o internauta. As pessoas tornam-se cada vez mais invisíveis. Estilos, usos e costumes sociais transformam-se, enquadrando-se na nova realidade.

Segundo Dreifuss,

... a mundialização lida com mentalidades, hábitos e padrões; com estilos de comportamento, usos e costumes e com modos de vida, criando denominadores comuns nas preferências de consumo das mais diversas índoles. A mundialização compreende a generalização e uniformização de produtos, instrumentos, informação e meios à disposição de importantes parcelas da população mundial...(...) neste sentido, a mundialização lida com a massificação e homogeneização cultural, evidente no consumo de hamburgers, pizzas, sorvetes, iogurtes, refrigerantes, cigarros, jeans, tênis, cartões, etc. Da China à Dinamarca, da Finlândia ao Peru, são os mesmos produtos, das mesmas marcas e modelos iguais. Mas a mundialização também incorpora as particularidades - locais, regionais, nacionais, étnicas, religiosas, de grupos sociais e culturais - subsumidas na dinâmica mundial do consumo de uma heterogênea terra. A mundialização é, portanto, do âmbito societário, embora no seu desdobramento condicione a economia e a política. Refere-se a valores e referências, a produtos e métodos desejados e passíveis de utilização, nos mais diversos países, sem ater-se à sua origem nacional ou cultural (na maioria dos casos, simplesmente desconhecendo-a), e transbordando ou atravessando culturas e estilos existenciais e vivenciais" (1997, p.136, 138, 139).

2) globalização técnico-produtiva:

Revolução tecnológica, produtiva e comercial. A globalização é alavancada por um tripé formado pelo sistema bancário, por fundos de pensão/fundos mútuos, e por seguradoras, que possui capacidade de concentração de capitais necessária à revolução tecnológica. É uma grande quantidade de dinheiro que é, também, volátil, escapa ao controle dos estados. Há precarização dos vínculos empregatícios e fragilização dos sindicatos. Ruptura do vínculo emprego-trabalho.

3) planetarização político-estratégica:

Trama de organizações transnacionais e instituições, parlamentos. A política de hoje é uma política que circula para além das esferas nacionais, pelos organismos internacionais e multilaterais. De acordo com Dreifuss:

"...a planetarização trata, por um lado, de vínculos expressos na trama de organizações transnacionais e de instituições (parlamentos e conselhos) supranacionais, que fazem parte do novo tecido 'político' e de gestão, e dá outro significado à noção de pertencer, resignificando a multiplicidade de inserções sociais e nacionais. Além disso, ela sublinha a qualidade dos vínculos políticos, culturais e sociais que atravessam estados-nações e permeiam sociedades nacionais diversas, enquanto modelam, irradiam e imprimem profundas mudanças perceptivas e de comportamento transsocietárias. Essas mudanças afetam a formulação e os métodos de ação dos governos e dos grupos politicamente organizados, além de incidir no funcionamento das estruturas sociais e institucionais vigentes. São explicitadas como cortes e redesenhos nas relações de poder internas... dos países, e como reformulação das relações internacionais." (Dreifuss, 1997, p. 171)

O termo “pós-modernidade” começou a ser aplicado à literatura e à cultura em estreita ligação com a idéia de uma sociedade pós-industrial¹, alargando-se, esse debate para a ciência a partir do livro de Lyotard (1984), “*La condition postmoderne*”. Segundo Echeverria (2003) é possível falar não de uma ciência pós-moderna, mas sim de estudos pós-modernos da ciência –que configurariam, especificamente, uma tendência nos estudos sociais da ciência e da tecnologia.

A pós-modernidade, nesse contexto, se caracteriza pelo desaparecimento das grandes narrativas de justificação que foram típicas da modernidade. As grandes narrativas científicas girariam, segundo Lyotard (1984), em torno da verdade - o valor que justificaria toda a ciência. Echeverria (2003) demonstra que vários filósofos da ciência anteriores a esse movimento pós-modernista, relativizaram a importância da verdade, razão pela qual, classifica a tese de Lyotard como regressiva. Por outro lado, aponta a dificuldade de ajuizar a validade das teses dos autores pós-modernistas aplicadas à ciência, tomando como ponto de referência o tema das narrativas globais de legitimação, pois a ciência de finais do século XX mantém em vigor, não só grandes narrativas como a teoria darwinista da evolução, o informacionismo, a teoria relativista do espaço e do tempo, como também há enormes projetos por realizar – construção da sociedade da informação, a busca da inteligência artificial, entre outros.

Teorias da Pós-modernidade

As teorias da pós-modernidade trazem ao debate quatro questões centrais:

- a) fim das certezas - ruptura com o paradigma da modernidade (sua possibilidade de prever como se estrutura o futuro). O futuro é visto como incerto e não previsível.
- b) Fim das ilusões - a história e o progresso não têm mostrado andarem junto com a moral. O progresso não se faz acompanhar por valores éticos ou por novas formas de solidariedade.
- c) Fim dos determinismos: tecnológico, econômico, político - o que prevalece são as escolhas individuais - libido, desejo, busca da felicidade. Indeterminação social.
- d) Era do pós-dever - predomínio do hedonismo, da cultura individualista. As escolhas são determinadas por decisões individuais. Privilegiam-se não mais as escolhas racionais e sim ativa-se o desejo (felicidade, aventura, consumo), busca-se melhorar a vida através do consumo. A ideologia fordista do dever do trabalho e a ética calvinista do empresariado moderno rompem-se. Com a criação do cartão de crédito não é mais necessário postergar a satisfação dos desejos e a inadimplência (antes impedida pelo dever da honestidade), generaliza-se, dados os crescentes apelos do consumo e as facilidades de crédito.

Face todas essas mudanças, o debate sobre a crise da modernidade que surge no campo da estética, passa, nos anos 70, para o campo das ciências sociais. No campo da estética, a crítica era que o modernismo, enquanto funcional e como expressão da modernidade, teria perdido sua capacidade de inovação (quando surgem as galerias e a arte passa ao domínio do mercado).

O pós-modernismo é, assim, caracterizado pelo pastiche, A releitura de um passado para produzir uma nova forma de expressão artística que combinasse diversas formas de memória. A construção da realidade se faz através

¹ Touraine, 1969; Bell, 1973, entre outros.

de retalhos - superposição de culturas erudita e popular. Na moda o passado é re-significado pelo indivíduo (moda retrô).

A leitura conservadora do Pós-modernismo:

No campo das ciências sociais surge a preocupação com o processo de desordenamento da sociedade capitalista (Bell, 1976). Nos EUA dos anos 70, pós Guerra da Vietnã, pós-movimento negro e de minorias, a sociedade é vista como paulatinamente perdendo o sentimento de pertencimento e se fragmentando, o que é percebido como consequência do modernismo.

A partir desta perspectiva a cultura se faz anti-capitalista e anti-burguesa. Cultura do desenvolvimento do eu - onde o indivíduo tem direito a desrespeitar as regras estabelecidas na busca da expansão de sua individualidade. Isso cria uma contradição com o desenvolvimento econômico norte-americano e começam a aparecer fissuras com os movimentos questionadores: rock, feminismo, movimentos raciais, ao lado da estratégia econômica de eficiência, racionalidade e funcionalidade que leva à auto-disciplina e postergação do prazer.

A perspectiva parsoniana - teoria da modernidade que deu certo (apreende o máximo que a sociedade americana chegou no ordenamento interno como sociedade articulada com predomínio do orgulho de ser americano) mostra-se insuficiente frente ao paradoxo entre cultura anti-racional, anti-intelectual e estrutura social, paradoxo esse estimulado pela própria economia baseada no consumo. Há dois movimentos que se autonomizam: o produtivismo e a cultura, o que cria a sensação que a sociedade americana está perdendo os pais fundadores. A saída é a volta ao sentimento de religiosidade e a retomada do sentimento de solidariedade nacional.

A vertente neoconservadora do pós-modernismo propõe essa volta, buscar na origem dessa sociedade a inspiração para a desfragmentação da sociedade. O problema da sociedade seria a falta de espiritualidade. Tal como em Durkheim, um desequilíbrio violento (problema econômico, social e político) é identificado com crise moral. A solução proposta por Bell (1976) é (a partir de Durkheim, retrabalhado por Parsons - funções latentes) retomar os valores originais.

A segunda leitura do Pós-moderno:

A condição pós-moderna é a forma de conhecer (estado do saber) própria de uma sociedade pós-industrial (Lyotard, 1984). Nessa perspectiva teorias totalizantes (meta-relatos) não dão conta dessa sociedade, que é uma rede de jogos de linguagem: econômica, política, cultural, estética. Cada um dos campos conta com autonomia com relação aos demais, razão pela qual nenhum paradigma possibilitaria encontrar pontos de contato entre esses campos específicos e reconstruir a totalidade. Contra o autoritarismo do moderno e contra o determinismo do conhecimento racional (universal), os campos significariam uma riqueza por romperem com a idéia de uma única racionalidade (da ciência).

O projeto moderno está fundado na razão, a emancipação, dentro dessa perspectiva, se dará através da ilustração e a universalidade da razão é proposta como instrumento de luta. Para os pós-modernos a razão (única) levou à guerra, bomba atômica, tortura, entre outros crimes, daí quanto mais padrões de razão e mais liberdade de escolhas melhor. A pós-modernidade é uma crítica à modernidade naquilo em que ela falhou, nos crimes que cometeu. É um novo diálogo com a modernidade. A perspectiva de pós-modernidade muda. Esta não é mais vista como um novo momento (pós-industrial) e sim a pós-modernidade deve criticar a modernidade sem, entretanto, dizer que ela terminou. Deve acusar os impasses da modernidade, identificar o que não se deve retomar da modernidade. O argumento crítico é que os avanços, as descobertas, não foram utilizados para enriquecer a vida cotidiana.

Rouanet e Freitag (1993) propõem (com Habermas, 1989; 1990) resgatar a modernidade para ter uma sociedade racional. Para Lyotard (1984) isso é impossível porque não há uma só racionalidade. Lyotard critica em Habermas seu movimento de volta à modernidade esquecendo os crimes cometidos por ela, sem criticá-la.

Martuccelli (1992) identifica os seguintes grupos teóricos:

1) Sociologia do pós-moderno;

A pós-modernidade emerge como uma das conseqüências culturais da nova tecnologia intelectual.

2) Pós-modernidade sociológica;

Luhmann (1990), que de acordo com o autor apóia-se em dois grandes meta-relatos: o funcionalismo (parsoniano) e o evolucionismo (cristão). Três formas de diferenciação: por segmentação, por estratificação e diferenciação funcional. Características principais: acentrismo; os sujeitos dentro de sistemas não têm funções, são estruturas que funcionam autonomamente. Cada um desses sistemas define os códigos necessários para o funcionamento do Sistema (*autopoiesis*). Pode-se estabelecer relação com Bourdieu (1983) e Lyotard (1984) (campos).

3) Sociologia pós-moderna;

Baudrillard (1983); Lipovetsky (1983; 1987). A era do vazio. O social morreu. Não há mais social, vivemos num mundo de simulacros. As relações sociais são virtuais. São mediadas por instrumentos de comunicação. As pessoas se relacionam precária e fragmentariamente.

O símbolo-metáfora da sociedade moderna seria a viagem: internet (navegar), drogas, turismo, circulação no mundo, circulação nas cidades. Mobilidade - sensação de estranheza, não há sensação de pertencimento. Sentimento de estrangeiro. A tônica do momento é a falta de sentido, o estranhamento - o outro não é amigo. No coração da sociologia pós-modernista encontra-se a idéia que tudo está permanentemente mudando - aceitação da incerteza como modo de relação com o mundo. A sociedade é volátil, sem raízes. Há perda de referentes de avaliação da modernidade: justiça social, nação. A televisão sintetiza bem essa perspectiva: é onde a vida passa, a sociedade do espetáculo, onde se vê acontecer sem poder fazer nada para impedir, sem ser afetado. A crescente importância das pesquisas de opinião seria pela necessidade de saber o que as pessoas pensam, pois não há mais contatos.

Pós-modernismo e sociedade

A pós-modernidade não parece ser, para grande parte dos intelectuais pós-modernistas, um momento histórico e sim a condição humana em si. Forças aparentemente incontroláveis parecem estar por detrás do ceticismo politicamente paralisante, do relativismo moral e epistêmico da cultura pós-modernista.

Principais características do pós-modernismo:

- 1) pessimismo político – só há possibilidade de resistências particulares e separadas, pois não há sistemas ou história suscetíveis à análise causal;
- 2) vêem como aspecto dominante do capitalismo o consumismo, a multiplicidade de padrões de consumo e a proliferação de “estilos de vida”;
- 3) ceticismo epistemológico e relativismo epistêmico;
- 4) sentido de novidade.

Os pós-modernistas estão preocupados com a “desconstrução”, seus temas principais são a linguagem, a

cultura e o discurso. A idéia principal que perspassa a perspectiva pós-modernista é a ênfase na natureza fragmentada do mundo e do conhecimento humano – *self* humano fluido, fragmentado (“sujeito descentrado”), identidades variáveis, incertas e frágeis. Na busca de romper o fechamento ideológico da esquerda ocidental, masculina e branca, o pós-modernismo priorizou questões como sexo, etnia, produzindo um ousado e rico conjunto de trabalhos em vários campos – arquitetura, artes, musica, ficção e ciências sociais (Eagleton, 1999).

Não obstante, ao mesmo tempo em que apontam para a necessidade de romper com os diferentes poderes, exercitar o pluralismo, a mutabilidade e a abertura, os pós-modernistas têm sido surpreendidos condenando o humanismo e o universalismo iluminista, sob a alegação que este nega a diversidade de experiências, culturas, valores e identidades humanas. Esse pluralismo radical - baseado na negação de quaisquer interesses comuns ou mesmo na possibilidade de acesso recíproco e compreensão mútua de diferentes identidades, tem como conseqüência a impossibilidade de qualquer base para solidariedade e para ação coletiva fundamentadas em uma identidade social comum, em uma experiência comum, em interesses comuns.

De acordo com Wood (1999) “...o sentido pós-moderno de liberdade que marca uma época depende de ignorarmos, ou negarmos, uma realidade histórica esmagadora: a unidade ‘totalizante’ do capitalismo, que costurou todas as rupturas memoráveis ocorridas neste século” (p. 14).

A insistência pós-modernista em que a realidade é fragmentária e, portanto acessível apenas a “conhecimentos” fragmentários mostra-se desarrazoada frente à realidade social do mundo de hoje. O capitalismo é, cada vez mais, um sistema totalizante, cuja tendência é auto-expansão, o produtivismo, a mercadorização de tudo e a imposição do pensamento único, de uma única cultura (com a progressiva destruição das culturas locais pela penetração da mídia e da internet).

Como afirma Shiv Visvanathan: “A epistemologia determina as hipóteses de vida. A ciência enquanto desenvolvimento, plano, experiência e pedagogia, determina as hipóteses de vida de uma diversidade de pessoas” (Visvanathan, 2003, p. 719). A busca de uma outra globalização que não a hegemônica e a retomada das utopias requer convocar interesses, recursos que unifiquem, e formas de conhecer que permitam partir de nossa humanidade comum. Formas de conhecer que busquem resolver as carências humanas, preservando as condições fundamentais do bem-estar humano. O ponto de partida para isso é acreditar na capacidade humana de chegar a explicações crescentemente verídicas sobre a realidade, através de uma prática social que ininterruptamente corrige a si mesma (Nanda, 1999).

Referências

ALBAGLI, S. (1999). Novos espaços de regulação na era da informação e do conhecimento. In: LASTRES, H.; ALBAGLI, S. (Orgs.) **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, p. 290-313.

- ARAÚJO, H. (Org.) (1998). **Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente** (Apresentação). São Paulo: Estação Liberdade.
- BAUDRILLARD, Jean. **Para uma Crítica da Economia Política do Signo**. Rio de Janeiro, Editora Elfos, 1995.
- BAUMGARTEN, M. (2001). Globalização e ciência & tecnologia no limiar do século XXI: os anos 90 no Brasil. In: BAUMGARTEN, M. (Org.) **A era do conhecimento: Matrix ou Ágora?** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS; Brasília, Ed. UnB.
- BEINSTEIN, Jorge (2001). **Capitalismo senil: a grande crise da economia global**. Rio de Janeiro: Ed. Record.
- BELL, Daniel (1976) **O advento da sociedade pós-industrial**. São Paulo: Cultrix {1973}.
- BENSAÏD, D. (1999). **Marx, o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica (séculos XIX e XX)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- CARVALHO, Edgard de Assis (2000). Tecnociência e complexidade da vida. In: **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, Fundação SEADE, v. 14, n. 3, jul./set., p. 68-77.
- CASTELLS, M. (2000). **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra.
- CASTELLS, M.(2002) **La Galaxie Internet**. Paris: Fayard.
- CHESNAIS, F. (1995). **A globalização e o curso do capitalismo de fim de século**. Campinas: Economia e Sociedade, n. 5.
- CHESNAIS, F. (1996). **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã.
- DERRIDA, J. (1984) Deconstruction and the other. In: KEARNEY, R. (org.) **Dialogues with Contemporary Continental Thinkers**. Manchester: Manchester UP.
- DREIFUSS, René Armand. (1997) **A Época das perplexidades - Mundialização, Globalização e Planetarização: Novos Desafios**. 2^a. Ed. Petrópolis, Ed. Vozes.
- EAGLETON, T. (1999) De onde vêm os pós-modernistas? In WOOD; FOSTER. **Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 23-32.
- ECHEVERRÍA, Javier . **Introdução à Metodologia da Ciência**. Coimbra: Almedina, 2003.
- FOULCAULT, M. (1970) **The order of things**. London: Tavistock.
- GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. (1997) **Modernização reflexiva**. São Paulo: Ed. Unesp.
- GIDDENS, A. (1991). **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP.

- HABERMAS, J.(1989) **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro;
- HABERMAS, J (1990) **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- HARVEY, D. (1993). **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola.
- HASSAM, M. (1999). Disparidades Norte-Sul na produção e uso do conhecimento. In: **Jornal da Ciência**, Rio de Janeiro, n. 408, 19 de março de 1999.
- JAMESON, F. (1999). Cinco teses sobre o marxismo atualmente existente. In WOOD; FOSTER. **Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 187-195.
- JAMESON, F. (1983) Postmodernism and consumer societ. In: **The antiaesthetic: essays on Postmodern culture**. FOSTER, H. (org) Port Townsent, WA: Bay Press.
- HUXLEY, Aldous . **Admirável Mundo Novo**. 1ª ed. São Paulo: Abril. 312p, 1974.
- LASH, S. (2002) **Critique of infotmation**. Oxford: Polity Press.
- LASTRES, H. & ALBAGLI, S. (Orgs.) (1999). **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. Campus.
- LASTRES, H. M. M.; FERRAZ, J. C. (1999). Economia da informação, do conhecimento e do aprendizado. In: LASTRES, H. M. M; ALBAGLI, S. (Orgs.). **Informação e globalização na era do conhecimento**. RJ: Campus.
- LÖWY, M.; BENZAÏD, D. (2000). **Marxismo, modernidade e utopia**. São Paulo: Xamã.
- LUHMANN, N. (1984) **Sociedad y sistema: la ambición de la teoria**. Barcelona: Piados,1990.
- LYOTARD, JF. **The post-modern condicion**. Minneapolis, University of Minnesota Press.
- MARTUCCELLI, D. (1992) Lectures théoriques de la postmodernité. Paris. **Sociologies et sociétés**, vol. XXIV, n. 1, Printemps, p. 157-168.
- MATTELART, A. (2001) A era da informação. In: **Famecos** 15 (7-23).
- MORAES, A. (1997). **Meio ambiente e Ciências Humanas**. 2ª. Ed. São Paulo: HUCITEC.
- NANDA, M. (1999) Contra a destruição/desconstrução da ciência. In WOOD; FOSTER. **Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 84-106.
- NICCOL, A. (Dir.) **Gattaca: a experiência genética**. Sony, EUA, 112 min. Ficção Científica, 1997.
- ORWEL, George. **1984**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- PASSET, R. (1998). Potentialités perverses des technologies. In: **Manière de Voir**, Le Monde Diplomatique, 38, mars-avril 1998, p. 64-69.

- PONDÉ, Luiz Felipe (2000). Cultura genética: vertigem ontológica e dissolução do conceito de 'natureza'. In: **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, Fundação SEADE, v. 14, n. 3, jul./set. 2000, p. 68-77.
- PROCÓPIO, A. (2001). Segurança humana, educação e sustentabilidade. In: BURSZTYH, Marcel (Org.). **Ciência, ética e sustentabilidade: desafios ao novo século**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, p. 115-142.
- ROIO, Marcos Del (1999). O Estado da globalização. In: **Estudos de Sociologia**, Araraquara, UNESPE, ano 3, n. 6, primeiro semestre, p. 143-148.
- SANTOS, M. et al (Orgs.) (1994). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec.
- SANTOS, B. de S. (1998). **A reinvenção solidária e participativa do Estado**. Seminário Internacional Sociedade e a Reforma do Estado. (mimeo).
- FREITAG, B & ROUANET. (1993) **Habermas**. São Paulo: Ática.
- RÜDIGER F. (2004) **Introdução às teorias da cibercultura**. Porto Alegre: Ed. Sulina.
- SCHERER, A. L. F. (2002). Globalização. In: CATTANI, A. D. (Org). **Dicionário crítico sobre o trabalho e tecnologia** (4ª ed.). Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Ed. UFRGS.
- SCOTT, R. (Dir.) **Blade Runner**. Warner Bros., EUA, 117 min. Ficção Científica, 1981.
- THERBORN, G. (2001). Globalização e desigualdade: questões de conceituação e esclarecimento. In: **Sociologias**, Porto Alegre, UFRGS/IFCH/PPGS, v. 3, n. 6, jul./dez. 2001, p. 18-29.
- TOURRAINE, A. (1986) **El retorno del actor**. Buenos Aires: Eudeba.
- TOURRAINE, A (1969) **La société postindustrielle**. Paris, Denöel.
- SHIVA, V. (1997). The second coming of Columbus. In: **Resurgence**, n. 182, may./june 1997, p. 12-14.
- VILAS, C. (1999). Seis idéias falsas sobre a globalização. In: **Estudos de Sociologia**, Araraquara, ano 3, n. 6, primeiro semestre, p. 21-62.
- VISVANATHAN, S (2003).Convite para uma guerra da ciência. In: SANTOS, B. S. **Conhecimento Prudente para uma vida decente**. Porto: Ed. Afrontamento.
- WACHOWSKI, Andy; WACHOWSKI, Larry (Dir.). **Matrix**. Warner Bros., EUA, 136 Minutos. Ficção Científica, 1999.
- WALLERSTEIN, Immanuel (2001). **Capitalismo Histórico & civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto.
- WOOD, E. (1999) O que é a agenda pós-moderna? In: WOOD, Ellen; FOSTER, John (1999). **Em defesa da**

história: marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: Zahar. P. 7-22.

WRIGHT MILLS, C.(1972) **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar.